

MOITA LOPES, Paulo da. *Identidades fragmentadas: a construção de raça, gênero e sexualidade na sala de aula*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002 (Coleção Letramento, Educação e Sociedade), 232p.

*Maria Nazaré Mota de Lima**

Construção das identidades sociais, sobretudo de raça, gênero e sexualidade, através do discurso nas aulas de línguas, é o aspecto central desta obra de Moita Lopes, que traz à tona questões intrigantes e instigantes sobre a linguagem e seu papel na constituição de quem somos.

O autor defende que, pelo discurso, nos constituímos, constituímos o mundo e aos outros. A sala de aula de línguas, local de discursos, por excelência, se faz aqui objeto de análise etnográfica, fundamentada em estudos oriundos de diversas áreas do conhecimento, articuladas em torno da Análise Crítica do Discurso.

Qual o caráter das identidades de raça, gênero e sexualidade e como elas são (re)construídas incessantemente na escola, instituição onde os sujeitos se defrontam com o outro diferente? Como professores e alunos, posicionados assimetricamente nos discursos da aula, se relacionam por meio de narrativas que espelham o drama da vida cotidiana? Por que as aulas de línguas são importantes espaços para se compreender a natureza fragmentada, contraditória e processual dessas e de outras identidades que coexistem num mesmo sujeito?

* Universidade do Estado da Bahia - UNEB.

Para discutir essas temáticas, Moita Lopes visita vários autores, a exemplo de Foucault, Vigotski, Bakhtin, abordando o discurso da aula enquanto possível de operar transformações nas subjetividades dos alunos e, também, no tecido social, vez que esses desempenham papéis na vida cotidiana, informados pelos confrontos e diálogos instaurados nas histórias ouvidas, lidas, contadas no espaço pedagógico.

As identidades - no plural - que uma mesma pessoa exerce, são múltiplas, contraditórias, inacabadas, em processo, e se atualizam nos discursos de que essas pessoas participam, na interação com interlocutores/as reais e concretos/as, imersos/as em eventos discursivos onde se posicionam assimetricamente, diz o autor.

As três partes do livro, compreendendo cinco capítulos, se sucedem num crescendo. Na primeira parte, temos dois capítulos sobre a construção discursiva de diferença e de raça, a partir da análise dos discursos de identidade da professora e de alunos da 5ª série de origem africana de uma aula de leitura em língua materna, numa escola pública do Rio de Janeiro.

Os conceitos de discurso e de identidade são explorados exaustivamente no primeiro capítulo, quando o autor declara que “as identidades sociais construídas na escola podem desempenhar um papel importante na vida dos indivíduos quando depararem com outras práticas discursivas nas quais suas identidades são reexperienciadas ou reposicionadas” (p.38). Daí seu interesse em analisar macrocenas e microcenas de uma aula, onde a diferença e a identidade de raça são abordadas, a partir de narrativas sobre o tema. O autor observa que esses conceitos são banalizados e naturalizados pela professora em questão, a qual deixa escapar a oportunidade de ensinar como nos constituímos e constituímos o mundo a nossa volta, inseridos em práticas sociodiscursivas, inscritas na história e na cultura, pela identidade e pela alteridade.

Isso explica sua defesa da necessidade de os currículos de programas de formação de professores incluírem essas questões,

cruciais para o desempenho da função docente, que implica o desenvolvimento de mentes e subjetividades para o exercício da cidadania e desconstrução das desigualdades sociais.

Na segunda parte, utilizando procedimento semelhante ao da primeira, acrescentando entrevistas e notas de campo, segue a abordagem discursiva das identidades sociais, agora relacionadas a gênero (masculino) e sexualidade (homoerótica), quando o autor as analisa relacionadas a outras dimensões identitárias, como a de raça, etnia e classe social.

Constata, no capítulo 3, quão estereotipada, intolerante e preconceituosa é a visão dos alunos em relação ao homoerotismo, embora seja uma temática, assim como a de gênero, que lhes interessa conversar a respeito, sobretudo quando a professora não está por perto. Segundo o autor isso demonstra que “as escolas têm um papel a desempenhar na transformação de práticas sociais de exclusão e essas não podem mais ser pensadas somente em termos de classes sociais... O mosaico do qual somos constituídos é muito mais intrincado do que normalmente se pensa” (p 127).

O capítulo 4, a partir de histórias contadas pelos alunos, aborda a questão da masculinidade, enquanto um conceito que, do modo como tem se revelado na escola, acaba afetando negativamente tanto meninos quanto meninas. Nesse espaço, ao passo em que a masculinidade gay não é considerada, a “feminilidade” é secundarizada, revelando como são concebidas em práticas discursivas fora da escola, como igreja, clubes, meios de comunicação, etc.

Mudar essa realidade é imperioso, pois o autor lembra que os arranjos familiares já não são do tipo pai/mãe/filhos, demonstrando, mais uma vez, que a escola cumpre papel fundamental na transformação dessas visões de mundo, já anacrônicas e despropositadas.

Por fim, a terceira parte do livro vai mostrar, com base na mesma fundamentação teórica, uma maneira de tratar as identidades sociais nas aulas de línguas, de modo a operar transformações rumo a uma sociedade mais justa.

O autor afirma que do mesmo modo que as identidades sociais são descritas e construídas no discurso, elas podem ser (re)construídas, também, via discurso, se trazidas para o centro das aulas de línguas, onde alunos e alunas aprendem a construir significados sobre as identidades. Analisa, então, dois textos, um sobre a identidade social de gênero e outro sobre a de sexualidade, com base em perguntas feitas ao texto, adaptado de Wallace para o trato da leitura em LE.

É bastante evidente a contribuição que esta obra proporciona a professores, de línguas ou não, e a profissionais outros que lidam com a problemática das identidades sociais. Afinal, nos últimos anos, ao tempo em que cresce o interesse de profissionais de diversas áreas do conhecimento em relação ao tema, verifica-se quão escassas são as obras onde se pode buscar uma fundamentação teórico-metodológica consistente, capaz de orientar os caminhos necessários para a compreensão de quem somos nós, na relação com o outro.

O livro *Identidades Fragmentadas*, rico em indicações teóricas sobre o tema e assentado em pesquisa empírica, explica, em linguagem acessível e rigor metodológico, como entender melhor os modos como as identidades se constituem nas práticas discursivas, se revelam e se reconstróem. Em todos os capítulos, o autor mostra como as identidades sociais resultam da convivência dos sujeitos, nos espaços sociais onde atuam, dentre eles, a escola.

Apontando que o discurso da escola é importante para ler e redimensionar como as pessoas vivenciam suas identidades, vez que é neste espaço que elas constroem suas concepções sobre si mesmas, sobre os outros, sobre as relações sociais, sobre o mundo a sua volta, destaca que a aula de línguas é, neste contexto, principal *locus* onde elas emergem, se revelam, se reconstróem, desde que as intervenções docentes sejam adequadas e apropriadas a cada situação discursiva em que essas identidades são abordadas.

A escola, enquanto instituição social encarregada da produção e difusão de conhecimentos, precisa incorporar essas discus-

sões que já se travam na sociedade, e o autor fornece os argumentos e os caminhos por onde seguir para engendrar relações sociais mais justas, pautadas no respeito às diferenças, sobretudo as que analisa e discute de forma impecável em mais esta obra.